

O PAPA E O PEPE

O melhor desse texto é o título, que nem é meu.

A América Latina, a humanidade e o seletivo e restrito grupo de seres humanos que deixarão saudades no coração de milhões perderam, em menos de 30 dias, duas joias.

Nascidos no Sul da América, em países de bandeiras azul e branco com um sol dourado.

Um não acreditava em Deus, o outro, era o sucessor de Deus na Igreja.

Puderam morar em palácios, preferiram o lar.

Ao invés de trajes de gala, luxo e brilhos de joia, preferiram a simplicidade, o conforto de um abraço e o brilho do olhar.

Quando podiam julgar e ditar regras, foram caridosos e acolhedores.

Após sofrerem e chegarem ao topo de onde podiam chegar, não regozijaram em si, mas confraternizaram e estenderam a mão para os necessitados. Não se deslumbraram!

Não quiseram entrar para história, e talvez por isso jamais serão esquecidos.

Acessíveis. Andavam por aí, a pé, papamóvel ou fusca azul.

Deixam um legado. Lições de cuidado e amor ao próximo.

O texto aqui não os chama de perfeitos, nem tampouco vai procurar suas falhas e defeitos – os têm, em demasia, posto que são humanos.

Tampouco se deseja comparar as duas figuras. Que se confundem nas palavras acima, sem em momento algum nomear quando falamos de Mujica ou de Francisco.

Preferiram a mesa ao palco. O mate dividido, o pão repartido, a conversa sem microfone. Onde havia plateia, fizeram vizinhança.

Quando abriram portas, não foi a do salão nobre: foi a da cozinha. Cheiro de café coado, pão na chapa, cadeira de plástico no pátio - imagino.

Conheciam o peso do “não” e a valentia dos “sins pequenos”. Sim para a criança no colo. Sim para o preso esquecido. Sim para o velho que pede tempo. Há revoluções que cabem em um minuto a mais de atenção.

Havia azul e branco nas bandeiras; havia sol nos brasões. Mas o sol que ficou foi o que puseram nos olhos dos outros. Esse não se põe. Nem se esmorece.

Fizeram política com afeto e pastoral com rua. A palavra chegava depois das mãos. Quando erraram, voltaram. Pediram desculpa sem emitir nota. O perdão, quando vem de quem pode não pedir, ensina mais que um tratado.

Se lhes deram vitrine, devolveram janela. Abriam-na para as periferias, as vilas, os ranchos. De lá se enxerga melhor o centro. O centro de si.

A delicadeza foi o método. Abraço de corpo inteiro, silêncio na hora certa, benção que descansa, conselho que não humilha. O extraordinário no gesto possível.

Talvez por isso a saudade não é uma pedra: é um pão. Alimenta o caminho adiante. Não pesa, acompanha.

É apenas o pesar, o carinho, a admiração, uma tenra saudade e o orgulho de ter vivido na mesma Terra que pisaram o Papa e o Pepe.